

Crescimento em 2000 – chances e riscos

O GOVERNO PODE SURPREENDER O MERCADO, APESAR DAS INCERTEZAS DO CENÁRIO INTERNACIONAL

ANTÔNIO CORRÊA DE
LACERDA

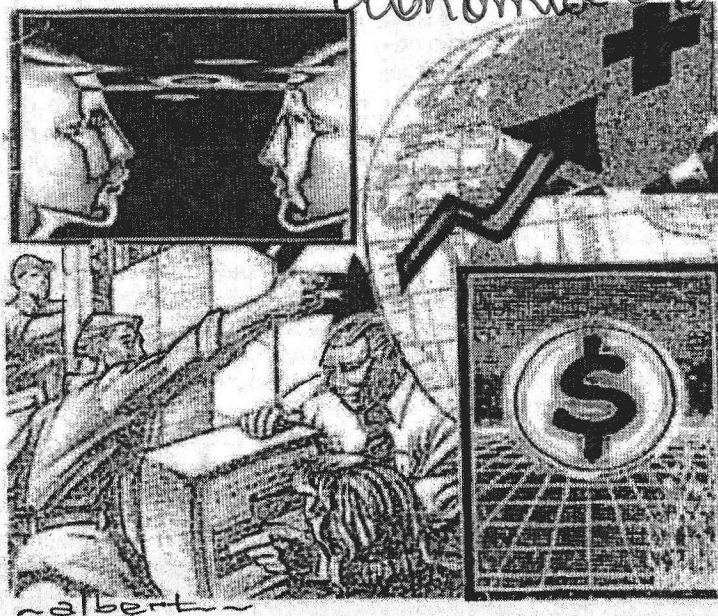
A discussão é se a economia brasileira vai, de fato, voltar a crescer este ano, depois de dois anos de estagnação. A questão é que há uma série de fatores favoráveis ao crescimento, como veremos a seguir, especialmente a nova situação do câmbio e dos juros, no quadro interno e no cenário internacional, que também traz riscos, como a recente alta nos preços do petróleo e seus reflexos na inflação e nos juros norte-americanos.

A nova política cambial, que já completou mais de um ano, alterou positivamente a agenda e a expectativa sobre o comportamento do nível de atividade econômica, como demonstram os recentes dados do crescimento industrial e do emprego. Há evidente melhora no desempenho do valor agregado local, seja pela substituição de importações ou pela ampliação quantitativa das exportações. O comportamento dos preços internacionais, que

Um dos fatores positivos no cenário interno é a baixa da taxa de juros básicos

determinaram uma deterioração das relações de troca desfavorável ao Brasil, tem impedido que esse resultado reflita mais intensamente no desempenho da balança comercial, mas o quadro pode-se alterar positivamente, especialmente se o preço médio do barril de petróleo ficar no limite de US\$ 25, este ano, e o das commodities agrícolas melhorar.

Os dados mais recentes apontam para uma tendência de crescimento do volu-



me global exportado, o que nos permite vislumbrar para este ano um superávit, que poderá superar os US\$ 3 bilhões, depois de um déficit de US\$ 1,2 bilhão em 99.

Nesse sentido, é preciso destacar que nos dois casos, tanto na substituição de importações quanto no caso das exportações, a desvalorização cambial é uma condição necessária, mas não suficiente, para garantir o rompimento da restrição externa decorrente dos erros da política econômica dos últimos anos, especial-

mente a valorização do câmbio, a ausência de uma política de competitividade (entendida como a articulação da política industrial, comercial, ciência e tecnologia, etc.) e os elevados juros, o que determinou um processo de inserção passiva do Brasil no cenário internacional.

As exportações são impres-

cindíveis para a economia brasileira, não só pelo efeito na ampliação da produção, da renda e do emprego, mas também, e principalmente, para diminuir a nossa vulnerabilidade externa, representada pelo resistente déficit em transações correntes do balanço de pagamentos, especialmente pela rigidez na conta de serviços. Assim, não se trata da dicotomia entre mercado interno e externo, mas de uma situação em que a evolução do nível de atividades do mercado interno também depende do desempenho exportador, uma vez que a restrição externa impede o crescimento sustentado da economia, como, de fato, vem ocorrendo desde o início da década de 80.

Isso, no entanto, não vai ocorrer natural e automaticamente. É algo que requer perícia no manejo dos instrumentos e comprometimento do setor privado. É preciso adotar um conjunto de políticas ativas, voltadas para as áreas agrícola, industrial e

de serviços, agregando elementos da ciência e tecnologia e conduzindo corretamente a política comercial, especialmente nos grandes fóruns internacionais. Adicionalmente é preciso fomentar a melhora do nível tecnológico dos produtos brasileiros de exportação e ampliar a promoção comercial nos mercados externos.

O outro fator positivo no cenário interno, que vai favorecer uma retomada do crescimento econômico brasileiro e propiciar o crescimento do produto interno bruto (PIB), é a baixa da taxa de juros básicos da economia. Destaque-se que os juros reais já se encontram no menor nível dos últimos anos, mas ainda elevados se comparados com os níveis internacionais e com a rentabilidade média do setor produtivo.

Assim, para tornar viável uma retomada gradual dos investimentos produtivos, da produção, da renda e do emprego é preciso ousar mais na redução do juro básico, estacionado nos 19% há quatro meses. A próxima reunião do Copom pode ser uma grande oportunidade para o governo surpreender o mercado e diminuir os juros básicos, aproveitando a “safra” de dados positivos na conjuntura interna, apesar das incertezas no cenário internacional.

■ Antônio Corrêa de Lacerda é professor da PUC-SP, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização (Sobeet) e autor do livro *O Impacto da Globalização na Economia Brasileira* (Editora Contexto).
E-mail lacerda@cofecon.org.br

■ O artigo de Suely Caldas, excepcionalmente, não é publicado hoje.

19 MAR 2000

ESTADO DE SÃO PAULO